

PRETÉRITO IMPERFEITO DO SUBJUNTIVO?

FORMAS VERBAIS EM -SSE EM CONTEXTOS QUE VEICULAM A NOÇÃO DE POSTERIORIDADE

Ana Cláudia de SOUZA (PG-UFSC)*

1. Introdução

Formas verbais em -sse, como *fosse, tivesse, viesse, morresse*, à primeira vista, remeteriam a eventos anteriores ao momento da fala e seriam classificadas como pretérito imperfeito do subjuntivo¹. Há muitos estudiosos do verbo do português brasileiro (PB) que as analisam desse modo, mas alguns deles admitem que as formas verbais do imperfeito do subjuntivo podem, em determinadas situações, não remeter ao passado, neutralizando-se dessa maneira a noção temporal. A partir disso, pergunta-se como ficaria a análise dessas formas nos casos em que há valor de futuro. Será que se poderia falar em pretérito? E neutralização, seria essa uma explicação adequada?

A reflexão sobre esta questão foi incitada pela leitura do poema de Álvares de Azevedo (1957: 91) abaixo citado:

SE EU MORRESSE AMANHÃ!

Se eu morresse amanhã, viria ao menos
Fechar meus olhos minha triste irmã;
Minha mãe de saudades morreria
Se eu morresse amanhã!

Quanta glória pressinto em meu futuro!
Que aurora de porvir e que manhã!
Eu perdera chorando essas coroas
Se eu morresse amanhã!

* anacs3@yahoo.com.br

Que sol! que céu azul! que doce n'alva
Acorda a natureza mais louçã!
Não me batera tanto amor no peito
Se eu morresse amanhã!

Mas essa dor da vida que devora
A ânsia de glória, o doloroso afã...
A dor no peito emudecera ao menos
Se eu morresse amanhã!

Nesse caso, não é possível que se analise como passado nem como neutralização temporal a forma verbal *morresse*, pois fica explícito o valor de futuro indicado por meio do vocábulo *amanhã* em *Se eu morresse amanhã*.

Embora a pesquisa tenha sido incitada pelo emprego da forma verbal em -sse do poema *Se eu morresse amanhã*, no desenvolvimento do estudo considera-se também esta possibilidade de emprego em registros orais e escritos, não literários. Tanto a obra de Bello (1809; 1847) quanto o poema citado foram produzidos no século XIX, e acredita-se que o emprego da forma verbal em -sse com valor de posterioridade não sofreu mudanças, podendo ocorrer em enunciados do PB que veiculam essa noção.

O intuito desta pesquisa é buscar explicações para o emprego das formas verbais do PB terminadas em -sse, quando revelam futuro, e discutir a nomenclatura tradicional de *pretérito imperfeito do subjuntivo* atribuída a uma forma que pode referir-se a futuro (tempo) e a perfeito (aspecto), como será demonstrado ao longo deste estudo. Portanto, o foco das reflexões recairá sobre tempo e aspecto verbal, não sobre modo. Não existe, neste trabalho, a intenção de apresentar respostas para estes casos. Quer-se somente apresentar o que alguns pesquisadores propõem acerca desta questão.

Com relação à organização do estudo, parte-se de breve exposição da teoria verbal de Andrés Bello sobre a língua castelhana — desenvolvida em 1809 e publicada em meados do mesmo século —, focalizando a análise das formas verbais terminadas em -sse. Em seguida, analisam-se as formas verbais do poema *Se eu morresse amanhã*; apresentam-se propostas de pesquisas que atualmente se dedicam ao estudo do verbo no PB, enfatizando as noções de tempo e aspecto. Finalmente, sugerem-se possíveis explicações, segundo

Back e Mattos, para o emprego dessas formas verbais em enunciados anteriores à realização do fato propriamente dito.

2. Noções sobre a teoria verbal de Andrés Bello com ênfase nas formas verbais em -sse

Bello (1979: 417) define o verbo como a palavra que representa o atributo da proposição, indicando concomitantemente número e pessoa do sujeito, tempo do atributo e modo da proposição. Para ele, o verbo é, no atributo da proposição, o que o substantivo é no sujeito.

A categoria tempo é considerada por Bello uma unidade concreta. O tempo é agora, antes ou depois com relação ao momento em que se fala. Portanto, as formas verbais são classificadas como coexistentes (C), anteriores (A) ou posteriores (P). Trata-se de categoria da realidade. Para Bello, o verbo apresenta sempre relação de tempo com o momento presente, coexistente. O pesquisador admite a possibilidade de haver concomitância entre anterioridade, coexistência ou posterioridade.

O modo, segundo Bello (Id. Ibid.: 419), é a forma que o verbo deve tomar em função do significado ou da dependência da proposição. Ele defende que há, em castelhano², quatro modos: indicativo, subjuntivo comum, subjuntivo hipotético e optativo. O indicativo é empregado nos casos em que há asserção, enunciação de fatos ou expressão de juízos. As asserções negativas aceitam tanto o indicativo quanto o subjuntivo³. O subjuntivo comum surge nas proposições que revelam afeto da alma, da vontade, que significam necessidade ou conveniência. O subjuntivo hipotético é usado nas proposições que significam hipótese futura e contingente. As proposições que indicam desejo, pedido ou ordem requerem o emprego do modo optativo, como nos exemplos abaixo:

(1) Modo indicativo: ° O jornal anuncia que amanhã *choverá*⁴.

(2) Modo indicativo ou subjuntivo comum: ° Não acredito que Pedro *estuda (estude)*.

(3) Modo subjuntivo comum: ° Seria preciso que *viesses*.

(4) Modo subjuntivo hipotético: ° Se ele *viesses*, seria bem recebido.

(5) Modo optativo: ° Que eles *sejam* felizes!

Bello considera a existência de dois subjuntivos: o comum, que se estende a uma grande variedade de casos, e o hipotético, que possui significado constante de condição ou hipótese (1984:163). Segundo o pesquisador, o subjuntivo comum tem, em castelhano, três formas simples: *cante* (C ou P), *cantase* ou *cantara* (A, CA ou PA), e três formas compostas: *haya cantado* (AC ou AP), *hubiese cantado* ou *hubiera cantado* (AA, ACA ou APA). Em PB, há as formas simples *cante* (C ou P) e *cantasse* (A, CA ou PA), e as formas compostas *tenha cantado* (AC ou AP) e *tivesse cantado* (AA, ACA ou APA).

Conforme Bello, podemos dizer que *cantasse*, ou formas semelhantes com relação à desinência modo-temporal, possui valor de tempo passado, como observamos nos exemplos seguintes:

(6) Pretérito (A): ° Meu pai queria que eles *chegassem* cedo ontem à noite. Trata-se de uma forma verbal do passado, porque há anterioridade ao momento da fala.

(7) Co-pretérito (CA): ° Eles acreditaram na teoria de que os outros planetas também *fossem* habitados.

Fossem adquire valor de CA, pois *ser habitado* é coexistente a *acreditar*, que é um fato passado.

(8) Pós-pretérito (PA): ° O médico aconselhou que todos *saíssem* bem agasalhados.

Saíssem é uma ação futura com relação ao conselho do médico, que é passado. Portanto, PA.

Como é possível observar, todas as formas verbais analisadas são consideradas anteriores, por causa da expressão adverbial ou devido a sua relação com a forma verbal precedente no mesmo período. Parece, nestes casos, haver dependência entre a forma do subjuntivo, pertencente à oração subordinada, e a forma do indicativo, que pertence à oração principal.

Quanto ao subjuntivo hipotético, Bello considera duas formas simples: *cantar* (P), própria do modo hipotético, e *cantase* (PA), tomada do subjuntivo comum, e duas formas compostas: *hubiere cantado* (AP) e *hubiese cantado* (APA). Em PB, tem-se comumente *cantar*, *cantasse*, *tiver cantado* e *tivesse cantado*, respectivamente.

Consideram-se, neste estudo, formas verbais semelhantes a *cantasse*, as quais pertencem ora ao subjuntivo comum, ora ao hipotético, indicando valor de posterioridade em relação a um fato passado; portanto, PA, como no exemplo (9) *Eu disse que, se me*

mostrassem a criança, eu poderia ajudá-la, no qual mostrassem, subjuntivo hipotético, é posterior a *disse*, que é passado. Ou ainda, analisando um exemplo de subjuntivo comum:

(10) Logo após a independência da maioria dos países latino-americanos no século XIX surgiu a necessidade de afirmação identitária que fosse distinta da européia e que refletisse a especificidade do povo americano como nação (Mailer, 2001: 2).

Bello diria que as formas verbais *fosse* e *refletisse* revelam futuro em relação à independência dos países latino-americanos, mas não deixariam de estar no campo do pretérito, porque se trata de um fato que ocorreu no século XIX; portanto, pós-passado.

Embora Bello (1979 e 1984) admita a possibilidade de a forma verbal do *pretérito imperfeito do subjuntivo* — para ele A, CA, ou PA do subjuntivo comum ou PA do subjuntivo hipotético — remeter à posterioridade, ela vai estar sempre relacionada a uma outra forma verbal com valor de pretérito e dela vai depender. Isso faz com que estas formas, representadas aqui por *cantasse*, tenham nesta teoria valor de passado, apesar de poderem significar futuro em relação à forma verbal da qual são dependentes.

No que concerne à possibilidade de emprego do *pretérito imperfeito do subjuntivo* expressando futuro, Bello faz a seguinte afirmação, levando em conta a noção de valor metafórico:

No puede usarse el pretérito de subjuntivo, sino cuando envuelve una relación verdadera o metafórica de anterioridad; sería pues un solecismo: "si hubiese comedia esta noche, iré a verla"; expresándose un mero futuro, el tiempo propio es si hibiere o (adaptando el uso secundario del indicativo) si hay. Ni puede usarse el ante-co-pretérito de subjuntivo sino cuando con él se significan dos relaciones de anterioridad, ambas verdaderas o una de ellas metafórica; no sería pues tolerable: "Mañana, si hubiese llegado el gobernador, iremos a saludarle"; porque el tiempo de la llegada es un ante-futuro, que sólo se expresaría correctamente con hubiere o ha llegado (Bello, 1984: 226, §722).

Com relação aos exemplos citados por Bello, importa menos a noção temporal de cada forma verbal que a relação existente entre as formas verbais de um mesmo período. A análise de Bello parece adequada às combinações verbais apresentadas, pois elas respeitam às regras impostas para uso da norma padrão. Soam

estranhos os períodos: *Se houvesse comédia esta noite, irei vê-la e Amanhã, se o governador tivesse chegado, iremos saudá-lo*. Essas combinações de formas verbais não são adequadas ao emprego da norma padrão do PB, mas acredita-se que seja perfeitamente possível que um falante nativo faça, eventualmente, tais combinações. Se essas combinações não forem aceitas, por que não analisar outras como: ° *Se houvesse comédia esta noite, iria vê-la* e ° *Amanhã, se o governador tivesse chegado, iríamos saudá-lo?*

Para explicar o emprego de formas verbais do pretérito do subjuntivo em contextos que não remetem ao passado, Bello recorre à noção de valor metafórico. Os valores metafóricos são aqueles que têm significado conotativo, em que há a negação indireta por meio da afirmação ou ainda a afirmação por meio da negação, como se pode observar nos exemplos seguintes:

(11) ° *Se ele fosse esperto, não faria tal negócio.*

(12) ° *Se você não nos considerasse tão despreparados, podíamos ajudá-lo.*

No exemplo (11), a forma verbal *fosse* não revela noção temporal, pois é possível entendê-la como anterior, coexistente ou posterior ao momento da fala. O que parece ficar claro é o fato de ele não ser esperto. Há a negação de *ser esperto*. Já no exemplo (12) ocorre o contrário: tem-se uma negação seguida de uma forma verbal em -sse — *não considerasse* —, mas o que se diz é que somos considerados despreparados, talvez no momento presente, C. Dessa maneira, segundo Bello (1979: 451, §163), suaviza-se a expressão do que pareceria atrevido ou presunçoso. Em suas palavras:

Y así como antes observamos que la negación indirecta se usaba para suavizar la expresión de aquellos juicios que sin ella hubiera parecido temerarios o presuntuosos, así también podemos emplearla en el modo optativo para indicar nuestros deseos de un modo respetuoso y urbano, como dando a entender, no lo que actualmente deseamos, sino lo que en otras circunstancias desearíamos; o como si manifestando que no esperamos o no merecemos ser atendidos, nos anticipásemos a disculpar la negativa (Id. Ibid.:452, § 170).

Bello (Id. Ibid.: 452, §169) afirma ainda que, neste sentido de negação indireta, os desejos referidos a um tempo presente ou futuro se expressam com *amase* ou *amara* e os referidos a um tempo passado são expressos por meio das formas compostas correspondentes.

1. Análise dos verbos do poema *Se eu morresse amanhã*

De acordo com a teoria de Bello, pode-se proceder à seguinte classificação das formas verbais destacadas no poema *Se eu morresse amanhã* (Azevedo, 1957: 91):

Morresse: PA do subjuntivo hipotético

Viria: PA do indicativo

Morreria: PA do indicativo

Perdera: AA do indicativo

Batera: AA do indicativo

Emudecera: AA do indicativo

Quanto à análise das combinações dessas formas verbais, Bello contempla apenas a relação entre os verbos da primeira estrofe: *Se eu morresse...*, *viria...*; *morreria...* Segundo sua análise, pode-se supor que as formas verbais relacionadas nesta estrofe pertenceriam ao campo do pretérito. Entretanto, elas expressariam posterioridade por constituírem um período hipotético, de natureza futura.

Acredita-se que as relações entre as formas verbais *morresse*, *viria* e *morreria* revelam hipótese futura, como defende Bello. Todavia, as formas relacionadas nas demais estrofes — *perdera* e *morresse*; *batera* e *morresse*; *emudecera* e *morresse* — não parecem indicar a mesma relação, pois as combinações verbais desses versos sugerem intenção do autor em mostrar que:

se eu morresse amanhã:

já tinha perdido (*perdera*) chorando essas coroas;

não me tinha batido (*batera*) tanto amor no peito;

a dor no peito já tinha emudecido (*emudecera*) ao menos.

Vale ressaltar que o poema é escrito em primeira pessoa. Na primeira estrofe, surgem na oração principal outras personagens: irmã e mãe, enquanto nas estrofes seguintes há somente a presença do narrador. Isso conduz à análise de que posteriormente a sua morte, a irmã fecharia seus olhos e a mãe morreria de saudades. Pode-se entender ainda que a glória, a aurora de porvir e a manhã seriam perdidas por ele antes de sua morte ou, pelo menos, acabadas no momento da morte, assim como o amor no peito não bateria e a dor no peito emudeceria antes ou ao mesmo tempo em que chegasse a morte.

Reichenbach (1947)⁶, ao estudar o verbo, indica que os morfemas de tempo do inglês têm a capacidade de, cronologicamente, relacionar três momentos relevantes estruturalmente para a sua compreensão: O momento da fala, MF (*speech time*); o momento da ação expressa pelo verbo, ME (*event time*); e o momento de referência, MR (*reference time*).

Partindo da proposta de Reichenbach, Corôa (1985: 41 e 42), em seu estudo sobre o tempo nos verbos da língua portuguesa, define os três momentos considerados relevantes para distinção dos *tempora*⁷ das línguas naturais:

- Momento do evento (ME): trata-se do momento em que ocorre o evento descrito, tempo da predicação;
- Momento da fala (MF): refere-se ao momento em que a fala se realiza, momento da enunciação, tempo da comunicação;
- Momento de referência (MR): “é o tempo de referência; o sistema temporal fixo com respeito ao qual se define simultaneidade e anterioridade; é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a contemplação do ME” (Id. Ibid.: 42).

A pesquisadora diz ainda que a caracterização do MR, embora possa ser expressa por meio de sinalizações concretas (datas ou adjuntos adverbiais, por exemplo), aproxima-se do tempo psicológico, maleável, reconhecido pelo falante e pelo ouvinte como o sistema de referência de tempo em que ocorrem o MF e o ME.

Considerando os três momentos, pode-se dizer que a chegada da morte, ME, é posterior à expressão verbal, MF. Essa relação de posterioridade do ME ao MF é percebida por meio do vocábulo *amanhã*, que indica o MR. A partir disso, supõe-se que o ato da irmã e o sentimento da mãe são posteriores à morte, enquanto os sentimentos do narrador são anteriores ou então acabados no momento da morte, embora todo o evento seja posterior à expressão lingüística.

2. O pretérito imperfeito do subjuntivo e as noções de tempo e aspecto

Na ótica de Pontes (1973), compartilhada por Lyons (1979: 321), existe oposição temporal entre as formas verbais que não se referem ao passado e aquelas que a ele se referem, ressaltando que às vezes essas formas podem neutralizar-se em relação a tempo. Ela sugere a seguinte classificação temporal: são formas

do passado aquelas que se referem ao passado; são formas do não-passado as que não se referem ao passado, citando, entre outros, os exemplos abaixo:

(13) Passado (Pretérito do Subjuntivo, Pt.S.): Ofereceu me levar onde eu *quisesse*.

(14) Não-passado (Presente do Subjuntivo, P.S.): Vou falar coisa que se *proveite*.

(15) Não-passado (Futuro do Subjuntivo, F.S.): Se não *ficar* boa, nós gravamos outra.

Mas, considerando a noção de distinção temporal, Pontes acredita que o *pretérito imperfeito do subjuntivo pode referir-se também a fatos que não se situam propriamente no tempo* (Id. Ib.:77). Exemplos:

(16) Ah, se eu *pegasse* essa gravação...

(17) A não ser que *fosse* se o gravador *estivesse* escondido, sem eu saber, talvez *saísse* melhor.

Segundo Pontes, algumas formas verbais apresentam diferenças aspectuais. Ela afirma que o futuro e o pretérito do subjuntivo são formas não-lineares em oposição às lineares⁸, pois não encerram um sentido durativo nem habitual, mas indicam um período de tempo determinado, como nos exemplos por ela analisados:

(18) E se a gente *conseguisse* ir às 7 horas, hem?

(19) Nem que a gente *fosse* às 7 horas, *ficasse* lá até mais tarde e *viesse* mais cedo.

(20) *Ano que vem*, se eu *conseguir* passar no concurso...

Nas palavras da autora:

Comparando-se estas duas últimas formas verbais [pretérito e futuro do subjuntivo], com as lineares, inclusive o Presente do Subjuntivo, vê-se que encerram, em si mesmas, referência a um fato que se pode realizar, não num período prolongado de tempo, mas num período determinado, qualquer que ele seja. Quando digo, por exemplo, “se a gente fosse às 7 horas” determino, limito o período de tempo, e a ação se restringe a este período. Já em “às 7 horas a gente trabalha muito mais”, a ação pode-se repetir, é habitual (Id. Ib.: 83).

Observando os exemplos (18), (19) e (20), percebe-se o valor de posterioridade, pois os ME e os MR são posteriores aos MF. Pontes não admite o emprego do imperfeito do subjuntivo como futuro, embora tenha dito (citação anterior) que essas formas verbais referem-se “a um fato que se pode realizar (...) num período

determinado, qualquer que ele seja”. Ela considera somente a neutralização da distinção temporal, fenômeno que parece não ocorrer nos exemplos apresentados.

Com o intuito de melhor entender a noção de aspecto verbal, recorremos a um estudo realizado por Flores e Silva (2000), segundo uma perspectiva enunciativa, no qual são apresentadas algumas definições dessa categoria de acordo com estudiosos que a analisam à luz de diferentes enfoques teóricos⁹. O que há de comum entre as definições por eles estudadas, é o fato de o aspecto ser considerado um tempo interno ao processo verbal (Id.Ib.: 45).

Travaglia (1991: 76), numa abordagem textual-discursiva, define tempo como categoria dêitica em que a apresentação da situação tem realização anterior, simultânea ou posterior ao momento da produção textual. No que concerne à categoria aspecto, ele diz:

Entende-se aspecto como uma categoria verbal de TEMPO [idéia geral e abstrata de tempo interno ao fato verbal], não dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que essas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista, a saber: o da realização da situação, do seu desenvolvimento e do seu complemento (Id. Ibid.: 77-78).

Flores e Silva não aceitam essa distinção entre tempo e aspecto como categorias dêitica e não-dêitica, respectivamente, porque o sujeito pode converter o valor aspectual de imperfectivo a perfectivo ou vice-versa. O aspecto seria, então, “dependente de uma atualização enunciativa” (2000: 49); por isso, dêitico¹⁰.

Bello, no início do século XIX, já parece perceber noção aspectual, quando classifica os verbos conforme a semântica de suas raízes. Mas essa noção não é desenvolvida, como se pode observar na seguinte citação:

Nótese que en unos verbos el atributo, por el hecho de haber llegado a su perfección, expira, y en otros sin embargo subsiste durando; a los primeros llamo verbos DESINENTES, y a los segundos PERMANENTES. Nacer, morir, son verbos desinentes, porque luego que uno nace o muere, deja de nacer o morir; pero ser, ver, oír, son verbos permanentes, porque sin embargo de la existencia, la visión o la audición sea desde el principio perfecta, puede seguir durando gran tiempo (Id. Ib.: 421).

(21) Verbo desinente: ° *Nasceu* meu afilhado.

(22) Verbo permanente: ° *Eles são* felizes.

Para Bello, essas são características dos verbos em si; não variam de acordo com as formas verbais: ou se trata de verbo desinente ou permanente, como nos exemplos (21) e (22). Não se pode negar que alguns verbos priorizam o traço de perfectividade, enquanto outros o de imperfectividade. Mas acredita-se que, dependendo da intenção do falante durante a enunciação, esses traços podem ser alterados, como se pode observar nos exemplos abaixo:

(23a) ° *Ele chegou* mais cedo.

(23b) ° *Ele chegava* cedo todas as manhãs.

(24a) ° *Eu sou* ríspido.

(24b) ° *Eu fui* ríspido com minha colega.

Nos exemplos (23), há o verbo *chegar* que prioriza o traço perfectivo, não-durativo, mas na situação (23b) passa a ter valor imperfectivo, habitual. Nos exemplos (24), a situação é contrária, pois o verbo *ser* revela a princípio o traço imperfectivo, que passou, em (24b), a perfectivo.

3. A proposta de Back e Mattos

De acordo com Mattos (1995:68), as línguas indo-europeias podem apresentar as circunstâncias de tempo, modo e aspecto, que são manifestadas por morfemas do verbo. Como o verbo em PB, segundo Back e Mattos (Back e Mattos, 1972; Mattos, 1995; Back, 2000, 2001), não apresenta morfema temporal, eles defendem que as formas verbais dessa língua não exprimem tempo, conforme análises de *comprássemos* e *compramos* propostas por Back (2001):

compr á sse mos

compr = raio de menção (Trata-se da raiz substantiva de *compra*, vocábulo do qual o verbo é derivado.)

= á = raiz verbal

— sse sufixo de aspecto e modo

— mos sufixo de pessoa e número

compr a mos

compr = raio de menção

= a = raiz verbal

— 0¹¹ sufixo de aspecto e modo

— mos sufixo de pessoa e número

Os sufixos verbais são cumulativos: um indica aspecto e modo e outro pessoa e número. Então, pode-se falar dessas categorias verbais como codependentes. Para a Teoria Construtural, a ausência do morfema de aspecto e modo é significativa, sendo considerada morfema zero. O fato de não aparecer a marcação morfológica revela que se trata de “presente do indicativo”, conforme a terminologia comumente empregada nas Gramáticas Normativas, ou de imperfeito, próximo do indicativo, de acordo com a Teoria Construtural.

Com relação a tempo, os falantes empregariam outros recursos lingüísticos ou até não-lingüísticos para revelar se o fato é anterior, simultâneo ou posterior ao momento da fala ou do diálogo, na terminologia empregada por Back e Mattos.

De acordo com Coan (2000: 38), a forma verbal não é condição necessária para a interpretação temporal. É preciso que se recorra tanto ao contexto lingüístico (o texto em si) quanto ao pragmático (intenção e conhecimentos compartilhados implicitamente pelos comunicantes) na atribuição da referência temporal das formas verbais. Moura, ao assumir a definição dos limites entre semântica e pragmática, afirma:

A pragmática envolve a atribuição de certas crenças ao interlocutor, que delimitam o contexto da interpretação. Os contextos que não dependem dessa atribuição de crenças não são pragmáticos, mas definidos no componente semântico, em função da dinâmica do discurso (Moura, 1999: 76).

Vejamos alguns exemplos apresentados por Back (2001) e seus respectivos comentários relativos a tempo:

Se eu *morresse*, meu amigo morria comigo.

Passado: Se eu *morresse* (ontem), meu amigo morria comigo.

Presente ou pós-presente: Se eu *morresse* (agora), meu amigo morria comigo.

Futuro: Se eu *morresse* (amanhã), meu amigo morria comigo.

O que indica tempo nos exemplos acima, são os advérbios *ontem*, *agora*, *amanhã*, ou, na ausência destes, o contexto pragmático definiria de que tempo se estaria tratando.

Futuro: Diga-me, Sr. Freitas! Se me desse na cabeça ir à Europa, o senhor era capaz de acompanhar-me? (Machado de Assis¹²)

Se no momento da enunciação ainda não havia dado na cabeça ir à Europa, como se pode pensar que *desse* é pretérito?

Quanto a modo, Mattos (1995: 68) afirma que *é a circunstância em que o falante julga o fato e o qualifica*. Trata-se de julgamento subjetivo, o que permite que dois falantes interpretem o fato de maneira diferente ou até que um mesmo falante o interprete diferentemente em situações diversas.

Conforme Back e Mattos, há dois modos em português: o indicativo e o subjuntivo. Aquele revela fato efetivo e é incondicionado, forma não-marcada; este indica fato eventual e é condicionado ao tipo de período, forma marcada.

Back e Mattos defendem que o verbo nesta língua exprime aspecto, mas não tempo, situado em relação ao momento do diálogo. Mattos define aspecto como *a circunstância em que o fato é discriminado pelas características de sua presença no mundo e a escolha da forma verbal depende delas. Ou seja, numa linguagem mais simples: o aspecto do verbo é o tempo do fato* (1995: 69). Isso revela a importância de se considerar a enunciação no emprego e na análise das formas verbais. Para Back e Mattos, assim como para Bello, o tempo é uma categoria da realidade.

Segundo Back (2001), para que se possa compreender o uso das formas verbais é preciso saber que elas dependem de dois momentos: o do fato e o do diálogo. Considerando a proposta de Reichenbach (1947), o momento do fato seria o ME e o do diálogo, o MF. Back não menciona o MR, mas admite que existe um momento temporal que estabelece o momento do fato, o qual pode ser entendido como MR.

Tempo e aspecto, ao contrário de modo, independem do julgamento do falante. Eles são interpretados objetivamente, por meio da observação. Conforme Mattos (1995: 69), no PB o verbo exprime aspecto, sendo o tempo interpretado da seguinte maneira:

- presente não é o momento do diálogo, mas o momento simultâneo ao desenvolvimento do fato, isto é, *enquanto* o fato ocorre.
- passado não é o momento anterior ao diálogo, mas o momento posterior ao fato: *depois que* o fato ocorre, ele passa a ser passado.
- futuro não é o momento posterior ao diálogo, mas o momento anterior ao fato: *antes que* o fato ocorra ele é considerado futuro.

Para Back e Mattos (1972: 391 e 392), as formas verbais analisadas neste estudo — *cantasse, viesse* — são ambíguas.

Pertencem ora ao imperfeito, sendo o fato considerado inacabado pela sua constituição temporal interna, ora ao perfeito, sendo o fato considerado globalmente acabado. Assim eles sugerem os seguintes exemplos:

(25) Perfeito: Fui pedir-lhe que *viesses*.

(26) Imperfeito: Ia pedir-lhe se *viesses*.

A forma *viesses* corresponde em (25) a *venha* e em (26) a *vier*, sem que estas possam ser comutáveis entre si, como é possível observar nos exemplos 12a e 13a:

(25a) Vou pedir-lhe que *venha*.

(26a) Vou pedir-lhe, se *vier*.

Mas não seria aceitável, posto que agramatical:

(25b) *Vou pedir-lhe que *vier*.

(26b) *Vou pedir-lhe, se *venha*.

Em (25), a vinda é posterior ao pedido; em (26), é anterior.

Além de pertencerem ao modo indicativo ou subjuntivo, apresentarem o traço aspectual perfeito ou imperfeito, as formas verbais do português, segundo estudos realizados por estes autores, revelam o traço modal próximo ou remoto. O próximo traz o teor de *certo*, com as variáveis *possível, provável, fácil, real*. O remoto carrega o teor de *incerto*, com as variáveis *improvável, impossível, difícil, irreal* (Back, 2001).

Portanto, em exemplos como:

(27) Se eu *morresse* amanhã, viria ao menos fechar meus olhos minha triste irmã... (AA)

(28) ° Se você *corresse* até a casa da tia Maria, chegaria lá em alguns minutos.

(29) ° Se a senhora *assistisse* à próxima apresentação, ele consideraria seu pedido.

(30) ° Se *houvesse* comédia esta noite, iria vê-la.

(31) E se a gente *conseguisse* ir às 7 horas, hem? (P)

(32) Se me *desse* na cabeça ir à Europa, o Sr. era capaz de acompanhar-me? (MA)

(33) ° Eu gostaria muito de ir, nem que a gente *voltasse* logo depois da apresentação.

(34) ° Eu queria mesmo é que ela nos *deixasse* em paz a partir dessa discussão.

(35) ° Acho (que seria) necessário que *disseminássemos* essa idéia.

(36) ° Se eu fosse um passarinho, poderia cantar para alegrar-te.

(37) ° Ainda que eu fizesse tudo o que pedes, não teria o teu amor!

O que há, de acordo com Back e Mattos, são formas verbais do imperfeito, remoto do subjuntivo. Imperfeito porque se referem ao fato em curso, a algo que ainda pode acontecer, inacabado. Remoto porque o falante parece julgar como incerto, difícil o acontecimento do fato. Ou é realmente improvável (pouco provável) que o fato aconteça (exemplos (28), (29), (30), (31), (32), (33), (34) e (35)), ou ele não quer que aconteça (exemplo (27)), ou ele o considera impossível, irreal (exemplos (36) e (37)). E subjuntivo porque se trata do modo condicionado, marcado, da língua portuguesa, revelando o que Fávero (1982) afirma ser a atitude interpretativa do sujeito da enunciação.

Nos exemplos:

(38) ° Se você ajudasse a mamãe, mamãe ia ficar bem contente.

(39) ° Se você me emprestasse alguns livros, eu adiantaria nosso trabalho.

Surge novamente o imperfeito, remoto do subjuntivo, que, além de indicar improbabilidade de realização do fato, pode auxiliar o locutor no convencimento do interlocutor a agir de acordo com suas expectativas¹³. O mesmo pode ocorrer com os exemplos (28), (29), (31), (32), (33), (34) e (35). Empregando uma forma do subjuntivo remoto fica mais fácil atingir o outro de maneira que ele atenda ao pedido. Essa forma verbal é eventual, improvável, não revela certeza, embora o falante realmente queira que aconteça aquilo que ele solicita e é justamente por isso que ele emprega tal forma.

Em concordância com Bello (cf. citação, p. 4), acredita-se que a negação indireta suaviza a expressão de juízos que pareceriam temerários ou presunçosos e também indica os desejos de modo respeitoso, mas o uso das formas verbais aqui analisadas revela que o emprego de formas em -sse pode suavizar a expressão mesmo quando não há negação indireta.

Considerando o exemplo:

(40) ° Se o governador *tivesse chegado*, iríamos saudá-lo.

é possível constatar que se trata de forma verbal composta do perfeito, remoto do subjuntivo¹⁴, já que, mesmo que valha *Se o*

governador já tivesse chegado amanhã neste horário, o fato é considerado irrealizável no momento do diálogo, embora seja posterior a ele. Essa locução verbal é considerada uma forma do perfeito, pois é posterior ao momento do diálogo, mas impossível de acontecer, na opinião do falante; então, remota.

Quanto à noção temporal, nos enunciados de (27) a (35) e no (39), trata-se de fatos futuros. Os enunciados de (36) a (38) e o (40) talvez possam ser considerados atemporais, pois eles estão deslocados do contexto. Se estes últimos exemplos fossem empregados em situação real de comunicação, seria possível perceber ou não a expressão temporal. Por isso, não arriscaríamos falar de *pretérito* imperfeito do subjuntivo com relação a quaisquer formas em -sse. Para que se possa falar em tempo, acredita-se que seja preciso considerar o contexto lingüístico e até pragmático, não somente a forma verbal.

No que diz respeito à noção de aspecto, ela é um dos constituintes do verbo, mas sua análise também depende do contexto do qual faz parte. Então, crê-se que a denominação *imperfeito* não possa ser atribuída às formas verbais em -sse sem que se considere o contexto em que estão inseridas.

Entende-se que a noção de valor metafórico desenvolvida por Bello em 1809 já contemple, embora não explicitamente, a possibilidade de as formas verbais sozinhas não expressarem noções temporais e também o fato de que há situações em que o valor temporal do verbo não é aquele pré-determinado segundo sua forma verbal. Daí a razão de considerarmos sua teoria importante para o desenvolvimento de estudos desta natureza.

4. Considerações finais

Muitas das pesquisas que têm sido desenvolvidas acerca de formas verbais terminadas em -sse — talvez seja melhor não as intitular! — não reconhecem a possibilidade de elas serem empregadas com valor de passado, presente ou futuro. Elas são analisadas ora como pretérito, ora como atemporais.

Para a análise dessas formas é necessário recorrer à noção de aspecto verbal, não à de tempo, uma vez que o tempo não depende somente da forma verbal, o que faz com que a mesma forma possa ser empregada em enunciados que revelam diferentes noções

temporais. Com relação a aspecto, trata-se, conforme a Teoria Construtural, de um constituinte da forma verbal importante para o seu emprego.

Conforme as análises aqui realizadas, conclui-se que as formas verbais em -sse podem não veicular noção temporal, mas aspectual, embora o aspecto possa também ter suporte em outros elementos lingüísticos. Por essa razão, parece não ser adequada a nomenclatura *pretérito imperfeito do subjuntivo* a formas como *morresse*, pois elas podem não indicar nem tempo pretérito, nem aspecto imperfectivo. Crê-se que ou a classificação de uma forma deva ser sempre válida, ou deva haver explicações acerca das situações em que é válida, ou então não se trata de classificação pertinente.

É importante salientar que, para realizar análises das formas verbais em -sse, deve-se considerar o contexto lingüístico e pragmático, pois elas não encerram em si os valores que muitas vezes lhes são atribuídos. Outra questão essencial no estudo dos verbos é a consideração dos momentos da fala ou do diálogo, do evento ou do fato e de referência, uma vez que, sem levar em conta esses momentos, dificilmente se poderá conduzir análises adequadas.

Ensaio desta natureza permitem colocar em evidência que as formas verbais, ao contrário do que se possa supor, não expressam, isoladamente, a noção de tempo. Essa noção emerge de elementos que, por vezes, coocorrem com as formas verbais.

A convergência das considerações realizadas aqui sobre as formas verbais em -sse que veiculam a noção de posterioridade abre perspectivas para a aplicação da mesma abordagem sobre questões similares; conduz a descoberta de outros aspectos que poderiam ser desenvolvidos no âmbito desta pesquisa; possibilita o estudo das noções temporais e aspectuais vislumbrando mais do que microestruturas, o que implica considerar a complexidade textual.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, A. *Alvares de Azevedo: Poesia* (por Maria José da Trindade Negrão). Rio de Janeiro: Agir, 1957.

BACK, E. The morpheme of aspect. *Revista de Ciências Humanas*, Criciúma, v.6, n.1, p. 83-99, jan./jun.2000.

_____. *O vocábulo*. Estudo em desenvolvimento, 2001.

BACK, E.; MATTOS, G. *Gramática construtural da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 1972.

BARROS, L. G. Alrededor del futuro de subjuntivo. *Anais do IV Congresso Brasileiro de Professores de Espanhol*. UFPR – APEEPR, Curitiba, Embajada de España, p. 141-146, 1991.

_____. *Tradição e inovação na teoria verbal de Andrés Bello*. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Tese de doutorado, 1998.

BELLO, A. Análisis ideológica de los tiempos de la conjugación castellana. In: _____. *Obra Literaria*. Caracas: Ayacucho, p. 415-459, 1979 (1809).

_____. *Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos*. Madrid: Colección Edaf Univesitaria, 1984 (1847).

COAN, M. A importância do contexto na atribuição de referência temporal: incursões no terreno do pretérito perfeito simples. *Working Papers em Lingüística*, UFSC, n. 4, p. 24-39, 2000.

CORÔA, M. L. M. S. *O tempo nos verbos do português: uma introdução à sua interpretação semântica*. Brasília: Thesaurus, 1985.

FÁVERO, L. L. O modo verbal da oração completiva. *Revista Brasileira de Lingüística*, São Paulo, v. 6, n. 1, pp. 5-15, 1982.

FLORES, V. N.; SILVA, S. Aspecto verbal: uma perspectiva enunciativa do uso da categoria no português do Brasil. *Letras de Hoje*, n. 121, p. 35-67, set./2000.

GODÓI, E. *Aspectos do aspecto*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1992. Tese de doutorado em Lingüística.

ILARI, R. *A expressão do tempo em português*. São Paulo: Contexto: EDUC, 1997.

LYONS, J. *Introdução à lingüística teórica*. São Paulo: Editora Nacional, 1979 [Trad. Inglês Introduction to theoretical linguistics. Cambridge University Press, sd. Trad. De Rosa Virginia Mattos e Silva e Hélio Pimentel].

MAILER, V. C. O. *Política Lingüística*. Trabalho de conclusão de disciplina de Pós-Graduação em Lingüística, UFSC, 2001.

MATTOS, G. Aspecto e fato: um passeio pelo tempo. *Letras*, n. 44, p. 67-90, 1995.

MOURA, H. M. M. *Significação e contexto: uma introdução a questões de semântica e pragmática*. Florianópolis: Insular, 1999.

PONTES, E. *Estrutura do verbo do português coloquial*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1973.

TRAVAGLIA, L. C. *Um estudo textual-discursivo do verbo no português do Brasil*. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas, 1991. Tese de doutorado em Lingüística.

Notas

¹ Agradeço aos professores Dra. Luizete Guimarães Barros (UFSC), pela orientação, e aos professores Dra. Maria Consuelo Alfaro Lagorio (UFRJ), Dr. Eurico Back (UNESC) e Dr. Ronaldo Lima (UFSC), pela leitura e pelas valiosas contribuições.

² Embora a teoria de Bello tenha sido desenvolvida sobre o castelhano, ela foi aplicada, por nós, ao PB, pois o pesquisador revela a pretensão de falar em termos de gramática universal (1979: 417), e temos a curiosidade de testar a aplicabilidade de sua teoria a esta língua.

³ Apesar de Bello mencionar somente as asserções negativas como passíveis do emprego do indicativo e do subjuntivo, isso ocorre também em asserções afirmativas. Exemplo: ° *Acredito que Pedro estuda (estude)*.

⁴ A maior parte dos exemplos citados para análise representam possíveis enunciados do PB, elaborados para as demonstrações propostas neste estudo, sendo identificados por meio do símbolo °.

⁵ O valor secundário do indicativo é atribuído aos casos em que a forma verbal apresenta relação de coexistência, mas é projetada para o futuro numa dada

situação condicional, num contexto de suposição. Os valores secundários e metafóricos são decorrentes do primitivo (Barros, 1998: 149-156, 181-192).

⁶ Reichenbach *apud* Ilari, 1997:13.

⁷ ..."adotaremos a palavra *tempus* (plural *tempora*) para a expressão gramatical e conservaremos a palavra *tempo* para o conceito de tempo presente na consciência de todos nós" (Corôa, 1985: 23).

⁸ Segundo Pontes, linear é a forma verbal em que a significação aspectual pode ser descrita graficamente como uma "linha"; o ponto em que começa e em que termina não é preciso (Pontes, 1973: 82 e 83).

⁹ Entre os autores citados por Flores e Silva (2000) estão: Castilho (1968), Luft (1976), Bechara (1977), Travaglia (1981), Câmara Júnior (1984), Corôa (1985), Cunha e Cintra (1985), Mateus et. al. (1987), Fuchs (1988), Costa (1990), Barroso (1994), Perini (1998) e Godói (1999).

¹⁰ Para a teoria da enunciação, a dêixis é uma relação que se dá entre a língua e o mundo: "Os dêiticos, para Benveniste, têm estatuto diferenciado dos demais signos lingüísticos: nas línguas, são signos formais, vazios que se enchem na e pela enunciação" (Flores e Silva, 2000: 50).

¹¹ O significa morfema zero, ausência significativa de morfema.

¹² Machado de Assis *apud* Mattos, 1995: 81.

¹³ Vale ressaltar que a persuasão não é inerente à forma verbal. Trata-se do resultado do emprego de outros elementos textuais (Back e Mattos, 1972).

¹⁴ Para a gramática normativa, essa é uma forma verbal do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.